

Gondola funeraria. — Gravura de Coelho.

Gondolas de recreio tem-se pintado muitas. Gendron, pensando que era tempo de representar a gondola da morte, fez com inspiração de poeta, quasi philosopho, este quadro, que esteve na exposição de pintura, este anno havida em Paris, no palacio da industria.

As gondolas funerarias em Veneza são cobertas de panno escarlate: os padres que acompanham os mortos vestem da mesma côr.

Os dois ilhotes de S. Miguel de Murano, e de S. Christovão, os primeiros que se encontram indo de Veneza para o lado de Murano, são os campos de repouso veneziano.

S. Christovão nada tem que chame a attenção: é o cemiterio geral.

S. Miguel de Murano, cujos jardins e porticos são reservados ás sepulturas dos venezianos ricos e dos estrangeiros, merece porém visitado. O seu convento foi outr'ora habitado por camaldulenses; conta entre seus antigos monges o celebre fra Mauro, auctor do planispherio de 1460, que vem reproduzido no grande atlas de monumentos geographicos do visconde de Santarem. Alli estiveram tambem dois outros religiosos, egualmente celebres, um pela sua erudição, o cardeal Zurla; outro pela sua accessão ao pontificado, com o nome de Gregorio XVI.

A egreja de S. Miguel, construida em fins do XV seculo, por Moretto, cognominado o corta-pedra, é de singular elegancia, e ornada de bellas esculpturas em marmore, attribuidas a Ambrosio de Urbino, e aos Citrini de Veneza. Da egreja se passa a uma encantadora capellinha corinthia de fórma hexagona, leve, rica em marmores preciosos e delicadas esculpturas. Capella Emiliana se chama ella, e foi construida em 1530 por Guilherme Bergamasco, como voto de Margarida Miani.

O serviço da egreja e do cemiterio está commettido a uma congregação de padres reformados, que tem metade da cabeça rapada. Vistos da esquerda parecem muito encabellados; vistos da direita completamente calvos.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina.)

XI.

A MODA.

I.

N'outros tempos a moda era uma rainha despotica, que só tinha escravas.

Hoje a rainha despotica tambem tem escravos.

Quanto mais se esforçam os homens em injuriar as mulheres, parece que põem mais empenho em se compararem a ellas.

Quanto maiores offensas recebem dos homens as mulheres, parece que põem mais empenho em se assimilharem a elles.

Ambos os empenhos são essencialmente ridiculos.

Uma mulher com gravata, jaleco, collete, sobrecasaca e calças; e um homem com anneis, pulseiras, alvaiade e carmim, e o cabello apartado ao meio, tem muito que entender.

Isto é, tem que entender o que não entendem as leis do bom gosto.

«De gostos nada ha escripto» diz certo rifão.

Este rifão seria veridico nos seus tempos; hoje é absolutamente falso. De gostos tanto se tem escripto, que não haveria gosto humano capaz de ler tudo.

O bom gosto é um dom como outro qualquer.

Não quer isto dizer que todos os *dons* sejam de bom gosto.

Morena vestida de côr de rosa, ou allemã com a mantilha hespanhola traçada, são dois typos de tal belleza absoluta, que a quem os procure e os exalte ha que dizer-lhe com justiça: *não lhe gabo o gosto.*

A moda e o bom gosto não são palavras synonymas.

O bom gosto é sempre um; a moda innova-se, disfarça-se, e imita-se.

A moda é a negação do gosto e o ideal do capricho; é, no dizer de Balsac, um ridiculo sem objecção.

Se as mulheres se convencessem d'esta verdade, acabaria depressa, ou pelo menos enfraqueceria muito o imperio da moda.

O seu throno está sustentado nos hombros das feias. A mulher bella, é sempre bella: a que não o é pela natureza, mostra sel-o pela arte; as alternativas da moda são os diversos ensaios em que se exercita para alcançar o resultado que vehementemente deseja.

Esses ensaios, necessarios *n'umas*, dão a lei a *todas*.

As formosas são apenas coristas na interminavel opera-comica da moda.

Se acreditarmos o engenhosissimo Affonso Karr, só a mulher de grande e insolente pé póde dictar este decreto: «D'ora em diante, a sáia do vestido será comprida, comprida até ao chão;» e o pé breve e primoroso de milhares de formosuras ficou condemnado á proscripção.

Só a mulher, despeitada pelas proporções da sua cintura, foi capaz de escrever este artigo no codigo da elegancia: «Pôr-se-hão em uso capas, e outras vestes, que não cinjam, e cáiam em pregas até meio do corpo;» e fugiram da vista dos mortaes milheiros de talhes esveltos e flexiveis, como a palma que fluctua ao vento brando da noite.

Só a mulher, em cuja cabeça se fôra já descobrindo a neve do coração, podia discorrer assim: «Restabelece-se para o cabello o uso dos pós brancos.» E desappareceu em mil cabeças coroadas pelo amor, o brilho de uns caracoes de ebano, e o encanto de uma trança de ouro tecida pela mão dos anjos.

Não ha, portanto, moda alguma em que a belleza deva presumir de ganhar; não ha moda alguma na qual se não exponha evidentemente ao perigo de perder.

A formosura é a unica moda que não envelhenta.

A virtude é a unica moda que nunca ha de envelhecer.

II.

O que é de continuo um recurso das feias, não póde deixar de ser uma conspiração permanente contra as formosas.

As mulheres não comprehendem toda a força d'este principio, por uma razão bem simples.

Porque não ha nenhuma, por immodesta que seja, que julgue a sua belleza insusceptivel de augmento, nem ha tão pouco nenhuma tão humilde, que julgue a sua fealdade de todo em todo irremediavel e *indissimulavel*.

A avareza de attractivos, o prurito de parecer melhor, serão sempre estimulo poderoso que dê opportunidade ás mulheres para essa mobilidade continua, tão grata á industria e ao commercio dos estrangeiros.

O genio francez, fecundo, inesgotavel em quanto a nonnadas de figurino, dá o tom, póde assim dizer-se, á sociedade européa.

Como rasgo caracteristico do genio francez, eis uma anecdota que, na opinião de muitos, é historia:

Certo dia prégava em Paris o grande Massillon contra as vaidades do mundo, e contra a moda, portanto, que é a synthese de todas as vaidades. Dominava na epocha o furor dos lunares postiços: e o eloquente orador reprovava-os como meio semi-diabolico de attrahir os olhares indiscretos. Porque, dizia amargamente, não vos pintaes tambem nos hombros e na garganta, para augmentar a vossa ficticia seducção, para allucinar até aos limites do possivel, os vossos incautos admiradores?

A lição não foi desaproveitada.

No dia seguinte, apenas se encontrava uma ou outra dama que não ostentasse no collo o seu lunar. Este lunar recebia o nome de *Massillon*.

N'uma noite de calor, uma bailarina recolheu os cabellos de certo modo particular. Antes de poucos mezes dominava aquelle penteado na cabeça das soberanas, e em quasi todas as cabeças que se penteiam.

Aquella bailarina devêra o seu universal renome, tanto como á habilidade dos seus pés, á postura *improvisada* dos seus cabellos.

Negar-lhe essa gloria, seria uma pretenção *descabellada*.

De hoje em diante, que não fallem os criticos contra a fama e as graças produzidas *pelos cabellos*.

Se todas as exigencias da moda se limitassem a essa parte *capital* do ser vivente, a moda deixaria de ser a mais ruinosa de todas as vaidades.

E comtudo, continúa sendo uma calamidade imprescindivel.

III.

A moda póde reputar-se como a expressão do desejo de agradar.

E este desejo tão natural nas mulheres, que, longe de censural-o, deveramos applaudil-o, sempre que se contenha nos justos limites, e não invada o terreno da affectação.

As graças mais seductoras costumam ás vezes *desgraçar-se* pelo empenho immoderado de augmentar.

Mulheres ha que devem ao ceo uma formosura epica, e convertem-n'a em belleza de entremez.

A moda, que em todo o tempo se considerou como rainha louca, parece que começa a recuperar o juizo.

Isto deve consistir em que as mulheres se vão apercebendo de quaes são os seus verdadeiros ganhos.

O pudor, a simplicidade, e a condescendencia — ahi estão tres grandes joias, cuja opportunidade nunca passa, porque sempre são da moda.

A abundancia de arrebiques será sempre um recurso: os recursos são para as necessidades.

Na sociedade actual ameaça invasão uma moda, que mais ou menos tarde produziria funestissimos resultados.

A moda nova é a de desdenhar todas as modas.

Se alguma cousa podesse provar essa excentricidade epidemica, seria a perversão do bom gosto.

Tão visivel nos parece a tyrannica pressão de um alfaiate de Londres, ou de Paris, que dá o tom a toda a Europa que veste casaca, como a anarchica emancipação, em virtude da qual se chega a não haver na Europa duas casacas de cortadura e proporções identicas.

Para nós os extremos são sempre indiscretos.

Se ha louco mais estouvado ainda do que aquelle que vive escravo da moda, é certamente o que alardeia de viver sem ella e contra ella.

E tudo quanto podemos ceder ás *conveniencias sociaes*; a essas horriveis *conveniencias*, que gozam do privilegio de empobrecer os ricos e tratear aos pobres.

A moda é a grande rede onde caem sem o saber as almas pequenas, e onde tambem por consequencia se deixam prender as outras almas.

Um notavel escriptor affirma, que tudo quanto se concede á moda, se tira de ordinario á razão; e uma estimavel escriptora tem a fraqueza de confessar que as mulheres ameigam a moda, porque lhes proporciona cada mez nova mocidade.

Na opinião d'esta senhora, a moda é apenas o recurso da senectude.

Ou — o que tanto vale — as jovens bellas são cum-

plices innocentes nos artificios que fazem ao tempo, e aos defeitos physicos as que não são jovens nem bellas.

As primeiras, julgando favorecerem-se, favorecem os planos das suas inimigas.

Porque todos conhecem quem são as inimigas da mocidade e da formosura.

As segundas, augmentando até á raia do possivel os seus escaços attractivos, diminuem, quanto é praticavel, os attractivos das suas rivaes.

D'onde se conclue que a mocidade e a formosura devem sempre olhar com prevenção a despotica influencia da moda.

No dia em que a moda se circunscreva ás pessoas que d'ella necessitem, está seguro o imperio da sisudeza.

Então a formosura dividir-se-ha em duas classes principaes; formosura de lei, e formosura contrafeita.

A falsificação da belleza será ao mesmo tempo um crime condemnado no codigo do bom gosto.

A pena que se lhe imponha seja a do *ridiculo*.

(Continúa).

BRITO ARANHA.

REINADO DE D. PEDRO II.

(Fragmentos).

CORTE DE PORTUGAL EM 1692.

(Continuação).

O marquez de Marialva era um dos dois camaristas do rei. Honesto e civil, contava trinta e quatro annos, era bem visto do rei, e um dos favoritos que entravam nos seus divertimentos. Fallava francez; entendia-o mui bem. D'aqui talvez o ser mais francez que hespanhol. Sabia o que se passava; mas como não era conselheiro d'estado, fingia que nada sabia. A verdade era que não se intromettia nos negocios, inda que tivesse grande accesso ao rei.

O marquez das Minas fôra vice-rei do Brasil, e casára o conde do Prado, seu filho unico, com a filha do duque de Villeroy. Homem de bem, e de espirito, passava por ser amigo da França, cujos partidarios se vangloriavam de poder saber d'elle tudo quanto se passava, porque estava de tudo bem informado. Contava ser nomeado conselheiro d'estado dentro em pouco, como já seu pae o fôra. Entendia o francez, e os francezes confiavam que não era do partido hespanhol.

O marquez de Montebello era hespanhol, mas casado em Portugal com uma dama portugueza, mui prudente, e mui intima da fallecida rainha, e da infanta, sua filha. Fôra na esquadra ao Piemonte, e agora para o Brasil, desempenhar um governo.

O conde barão d'Alvito era vedor, ou um dos gentis-homens da camara da rainha. Não tinha o menor credito. Era francez com os francezes; mas por causa da rainha, hespanhol com os hespanhoes. Nem a uns, nem a outros, podia fazer, nem bem, nem mal.

O conde d'Alvor, conselheiro de estado, mui escutado pelo rei, tinha sobre o animo do monarcha algum imperio. Homem esperto, se era mui prudente, não era menos reservado. Tinha o primeiro logar da justiça, e diziam que a administrava bem. Fôra vice-rei da India, e em todo esse tempo, mui contrario sempre aos vigarios apostolicos, sustentando escrupulosamente os direitos de Portugal contra a congregação da propaganda. Se não era do partido de Hespanha, tambem não era do de França. O partido francez desejava a sua amizade, e considerava-o homem recto e desinteressado, que procuraria sempre estar bem com uma e outra potencia. O padre Francisco Sarmento, jesuita, que trouxera de Goa, passava por ser homem de bem, e era seu confessor.

O conde d'Atalaya, pae, estivera outr'ora nas melhores graças em que se podia estar com o rei, e passára por favorito. Incorrêra depois no seu desagrado, e fôra obrigado a retirar-se da corte. Desde então, não pudéra mais rehaver a confiança do rei, e por isso não tinha o menor credito politico. Tinha bom senso e actividade; mas era soberbo e altivo. Parente proximo do conde da Ribeira-grande, em sua casa governava tudo, quando este nobre estava em Lisboa. Tinha grandes relações com o arcebispo de Lisboa.

O conde d'Atalaya, filho, era joven, casado de fresco, e não se mettia em nada.

O conde da Castanheira, probo, muito affecto ao duque de Cadaval, e sempre das suas opiniões, era amigo de França, rico, e sem filhos. D. João d'Atayde, que fôra enviado em Paris, era seu parente proximo. Devia obrigações á fallecida rainha, e tinha um logar de consideração nas finanças, e na economia do estado. O partido francez contava com elle para transmittir o que desejava que o duque soubesse. Se não tomava parte no governo, sabia, entretanto, o que nas regiões d'elle se passava.

O conde de Castello Melhor, pae, mui conhecido pela sua historia e pelas suas desgraças, estivera muito tempo na Inglaterra e no Piemonte, e passára muitas vezes por Paris, d'onde o rei de França o conhecia bem, e o tinha por homem sensato. Fallava francez, italiano, etc., prendas raras n'aquelles tempos. Estivera muitos annos longe da corte, mesmo depois de voltar a Portugal do seu como desterro. Agora gozava de toda a liberdade, mas não ia ao paço. Sabia mui bem os negocios da Europa, e os interesses dos principes. Não era amigo do duque de Cadaval, que exilára quando gozava do favor do rei D. Affonso VI. Quando era primeiro ministro de Portugal, contentára muito a corte de França, que com prazer o tornaria a ver no mesmo cargo. Tinha grande fortuna. Seu filho, que obtivera licença para ir á corte, casára havia pouco. Inda que fosse conselheiro d'estado, não lhe permittiam assistir ao conselho.

O conde da Ericeira, conselheiro d'estado, já extremamente velho, nada valia, nem estava em estado de assistir aos conselhos. Fôra outr'ora governador de Tanger, e ainda havia poucos annos era todo francez, não se tirando de casa do embaixador Saint-Romain, quando pretendia casar seu neto com uma filha de madama d'Armagnac, com o que o teria feito cunhado do duque de Cadaval. Como tal casamento se não pudéra realisar, mudára tambem de inclinações partidarias. Sua filha, que fallava mui bem francez, casára com seu irmão, e fôra tambem n'outro tempo toda franceza, e ligada á fallecida rainha. De tudo se deixára o conde depois que fallecêra seu irmão D. Luiz, aquelle que escrevêra a historia das nossas guerras com Hespanha no *Portugal Restaurado*.

O joven conde, seu neto, nada valia, porque em nada entrava ainda.

O conde de Pombeiro, como o ultimo da Ericeira, era moço que não tinha ainda entrada nos negocios do estado. Era honesto, e tinha espirito.

O conde de Pontevel fôra estribeiro-mór da infanta. Enviado a Inglaterra, na companhia da rainha D. Catharina, havia poucos annos tornando para lá a buscal-a, recebeu em Paris ordem para que não proseguisse na viagem, e retornasse a Portugal. A sua doença lhe fazia a morte imminente. Era do partido francez, mas sem influencia.

O conde do Prado, joven filho do marquez das Minas, casára com a filha do duque de Villeroy. Era

francez, e fallava a lingua. Sempre de bom humor e mui honesto, não tinha ainda parte nos negocios.

O conde da Ribeira-grande, caracter probo, genro da princeza de Soubise, não estava então em Lisboa, nem se esperava que voltasse nos primeiros annos. Fôra para a ilha de S. Miguel, de que era capitão donatario. A condessa era amada de quantos a conheciam.

O conde de S. Lourenço era joven, e ainda sem participação nos negocios. Seu pae, que fôra gentilhomem da camara da infanta, morrêra havia pouco.

O conde de Val-de-Reis, pae, conselheiro d'estado, estava mui entrado em annos. Fôra mordomo-mór da casa da infanta, e tinham-n'o como mais inclinado ao partido hespanhol que ao francez. Não tinha influencia.

O conde, filho, tinha espirito e brios. Era aposentador-mór, mas não entrava nos negocios.

O conde de Villa-Verde, pessoa de qualidade, e parente proximo do arcebispo de Lisboa, e do marquez d'Arronches, partira n'este mesmo anno para a India, na qualidade de vice-rei. Era homem prudente e moderado. Os francezes vangloriavam-se de que elle frequentára muito a casa do embaixador Saint-Romain.

O conde de Villar-Mayor não tinha mais de vinte e cinco annos, e vivia fóra da politica.

O visconde de Ponte-de-Lima, ainda joven, não tinha nenhum cargo. Seu pae fôra do conselho d'estado. Casára com uma dama allemã, ainda parenta da rainha, que com ella viera d'Allemanha, mas que não tinha fortuna. Em compensação o marido tinha por ambos. Sua mulher pretendia vir de uma grande casa de França. As vistas do visconde eram altas; mas não tinha valimento. Tudo fazia suppor que fosse dedicado á rainha.

Christovão d'Almada, do partido francez, fôra outr'ora visita do embaixador Saint-Romain. Inda que fosse um dos vedores da rainha, e presidente da casa da India, não tinha, entretanto, grande credito.

O correio-mór era um homem rico, que desposára uma siciliana, Caffaro, refugiada em França pelos acontecimentos da Sicilia, e que tinha em Paris dois irmãos; um theatino, que fôra pelo rei nomeado para o arcebispado de Palermo, por occasião da revolta d'aquella ilha; outro bem pensionado pelo mesmo rei. Estivera em Paris, e muito tempo em Turim, onde madama Royale o tratára com muita consideração, e a sua irmã D. Joanna de Castro, que tinha influencia sobre João de Roxas. Todos fallavam francez.

D. Diogo de Faro, homem probo, era um dos gentis-homens da camara da rainha. Fôra educado em Flandres, onde aprendêra o francez, que fallava bem. Não tomava parte nos negocios, nem tinha influencia. Era mais francez que hespanhol, mas vivia retirado d'uns e d'outros.

D. Francisco de Mascarenhas, estribeiro-mór da rainha, devia favores á rainha fallecida, que lhe dera o mesmo cargo. Muitas vezes carecia do cardeal d'Estrées, com quem se escrevia por causa das graças que os religiosos sollicitavam de Roma. Era homem da primeira qualidade, mas não tinha parte nos negocios. Visitava da mesma fórma ambas as embaixadas hespanhola e franceza. Fallava muito e de tudo, mas não tinha grande influencia.

D. Francisco de Mello, recentemente nomeado conselheiro d'estado, homem prudente, moderado, e de bom senso, fôra regedor das justiças, e como primeiro presidente d'ellas, desempenhára bem este cargo. O rei ouvia-o, e tinha por elle consideração.

Francisco Pereira era enviado de Portugal em França.

D. Francisco de Sousa, irmão do fallecido arcebispo de Braga, que fôra nosso embaixador em Roma, era capitão das guardas. Estivera muito tempo em Paris, e fallava bem francez; mas não obstante isto, tendia mais para a Hespanha que para a França. Não tinha parte nos negocios.

D. João d'Alencastro havia ainda poucos annos que andava mui cerca do rei, e entrava nas suas caçadas. Estava n'esta epocha n'um dos governos de Africa. Era parente do cardeal d'Alencastro.

D. João d'Atayde estivera em França, na qualidade de enviado extraordinario, para comprimentar o rei christianissimo. Fallava francez, e era homem de probidade, ainda moço, mas sem cargo.

João de Roxas, homem de espirito, e de bom senso, estivera outr'ora em França, e fallava francez. Servia um dos primeiros cargos da justiça, era consultado pelo rei, e sabía o que se passava. O partido francez dizia que elle era recto, e conhecia os interesses de Portugal, talvez porque tombava para o seu lado. Era do conselho particular do rei, com mais outros tres ou quatro. Não tinha titulo, nem era fidalgo. Fôra todo dedicado á fallecida rainha. Pela irmã do correio-mór, D. Joanna de Castro, a cuja casa, a uma legoa de Lisboa, ía, era facil saber d'elle quanto occorria.

(Continúa).

JOSÉ DE TORRES.

FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN.

I.

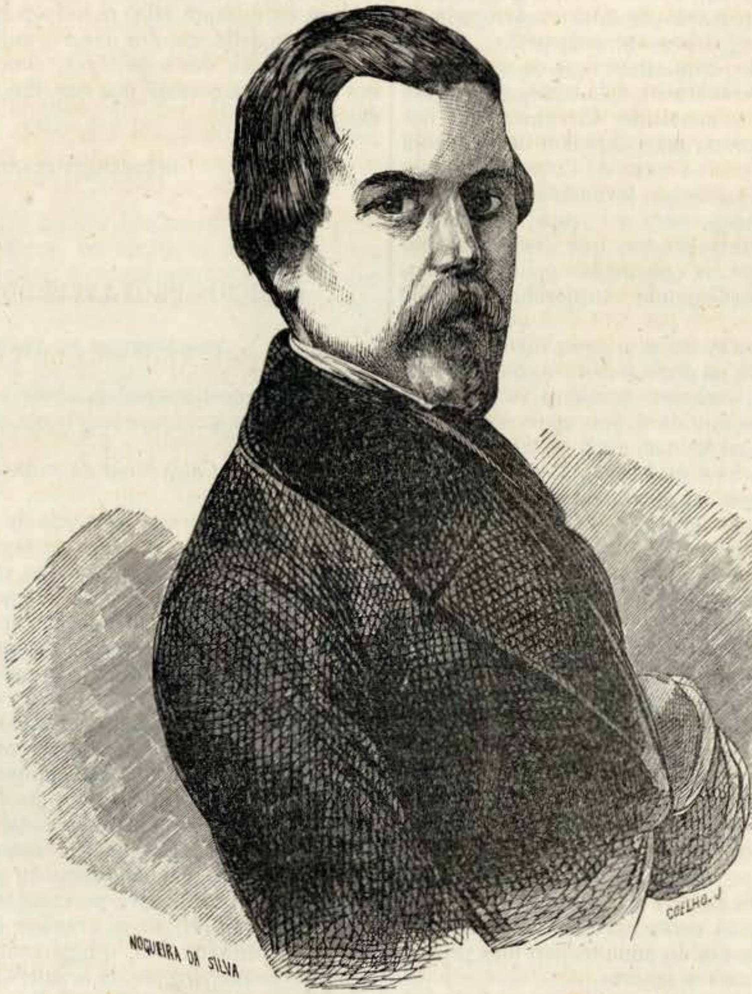
O homem meditativo, costuma lo a estudar attentamente á luz da reflexão nos quadros que o buril da historia traçára com severa imparcialidade, vê sempre com entranhavel magoa os exemplos, que em mal tão repetidos se lhe deparam, do modo como a fortuna se compraz em proteger e distinguir, como filhos mimosos, aquelles que menos direitos poderiam allegar aos seus favores. Quantas vezes, em todos os tempos, e em todos os logares, as sociedades, e os que regem os destinos d'ellas, postergando o dever que lhes incumbe, e o que é mais, com prejuizo e jactura proprios, deixam definhar no abandono para morrerem esquecidos por falta d'estimulo, servos de maior proveito que, animados e favorecidos, poderiam lançar de si mui copioso fructo, se lhes dessem azo a pôr em acção os talentos com que a natureza liberalmente os prendára? E quantas, pelo contrario, chovem as graças e os dons remuneratorios sobre tantos, que inesperadamente conseguem elevar-se pelas artes da adulação e da intriga, ou, quem sabe, se por meios ainda mais immoraes, e até criminosos á face das leis? Quantas vezes, em fim, ao merito desvalido, que em seu abatimento serve de pedestal ao solio onde se exalta e triumpha orgulhosa a incapacidade, cabe a sorte de exclamar com o nosso judicioso Ferreira:

> Menos se escandalisa, e menos sente
> Negarem-lhe o que é seu um raro esp'rito,
> Que vel-o dar a outrem cegamente!

Um egual sentimento de justiça faz, comtudo, que o mesmo animo, que não póde deixar de lastimar-se ao ver taes desconcertos, folgue e exulte dobradamente, se por acaso se lhe offerece uma ou outra vez retribuido o verdadeiro merecimento: isto é, se observa que as honras sociaes, os cargos e as distincções recáem de direito sobre o que soube merecel-as, e que em sua posse adquire novos brios e incentivos para retemperar as forças, e proseguir a passos mais firmes e desassombrados na carreira já trilhada.

É pois este ultimo sentimento o que hoje nos inspira e dirige a penna, ao termos de commemorar n'estas brevissimas linhas a indicação resumida dos factos da vida de um contemporaneo distincto, já abalisado entre os cultores das letras; e que pela dedicação com que as professa, soube conquistar á força de merito indisputavel, e de improbas fadigas, a elevada posição em que se acha: que justamente bem-quisto e reputado por seus patricios, e honrado da confiança do soberano, conta por amigos e admiradores os estranhos, que o tem visto e tratado no curso das successivas peregrinações, a que o encaminharam ora o amor pela sciencia, e o desejo de glorificar e bem servir o seu paiz, ora o desempenho das funcções officiaes, proprias do caracter diplomatico de que se acha revestido.

Fallâmos do sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, commendador das ordens de Christo no Brasil, e de Isabel a Catholica de Hespanha; membro honorario do Instituto Historico Geographico do Brasil (tendo-o sido effectivo durante muitos annos, preenchendo em alguns o cargo de secretario); socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa; da de Munich; da Real de Historia de Madrid; da Sociedade Geographica de Paris; do Instituto Historico de Buenos Ayres, etc. etc.; e actual ministro residente de S. M. o imperador do Brasil, junto á republica do Paraguay. Os dotes e qualidades que o adornam, re-



Francisco Adolpho de Varnhagen.

queriam, sem duvida, biographo mais auctorisado e competente do que nós o podêmos ser. Além de que a nossa indole difficilmente nos sujeitaria ao mister de panegyrista (como bem sabem os que de mais perto nos conhecem), a brevidade que se nos recommenda permitte apenas esboçar mui de leve a exposição succinta dos factos, á qual nos restringiremos. Nem mesmo nos considerâmos n'este momento habilitado para descer a mais minuciosas particularidades. Sirva isso de desculpa ás omissões e faltas commettidas. Se taes linhas chegarem por acaso a ser lidas pelo nobre diplomata, desde já implorâmos para ellas toda a sua indulgencia, e que haja de relevarnos do pouco que diremos, pois não lhe faltarão no futuro pennas mais apuradas, que tomem a si o gostoso empenho de inscrever-lhe o nome na pagina brilhante, que a posteridade lhe reserva nos annaes do imperio, que n'elle conta já agora, e oxalá conte ainda por largos annos, um dos seus mais leaes e esperançosos servidores.

Se devemos reportar-nos a informações particulares, obtidas de pouco tempo, por via aliás segura, e digna para nós de inteiro credito, o sr. Varnhagen nasceu a 17 de fevereiro de 1819. Não dissimularemos, comtudo, que havendo de confiar em proprias reminiscencias, e na confrontação de algumas antigas datas, teriamos de o suppor mais velho dois ou tres annos, e nascido, por conseguinte, em 1816, ou

1817. A distancia nos veda averiguar ao presente com maior exactidão essa circunstancia, que seria de nenhuma entidade, referindo-se á vida commum de qualquer obscuro e ignorado vivente; mas que adquire certo relevo de importancia, ao tratar-se de individuos, cuja situação e predicados tornam sobradamente preciosa e interessante a noticia de tudo o que lhes diz respeito.

O que, porém, não admitte sombra de contestação, é que o illustre historiador do Brasil víra a primeira luz na fabrica de ferro de S. João do Ypanema, levantada, poucos annos antes, nos limites da villa de Sorocaba, da provincia de S. Paulo. Seu pae, o então tenente coronel Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, distincto official estrangeiro, ao serviço de Portugal, dirigia por aquelle tempo esse estabelecimento, cuja restauração lhe fôra encarregada, e que aos seus esforços, e consummada pericia, deveu dias de prosperidade, com esperanças de mais grandioso futuro, pois lhe sobravam zelo e instrucção para levar por diante o commettido. Circunstancias imprevistas, que mudaram, mais depressa do que podia esperar-se, os destinos da terra de Cabral, cortaram os projectos do habil director, levando-o a retirar-se, passados poucos annos, para a Europa, com a sua familia, mediante uma licença, que devia ser temporaria; mas que novas commoções politicas, e outros successos supervenientes, tornaram para elle eterna.[1]

Trazido, pois, para Portugal o joven Varnhagen, em fins do anno de 1823, ou principios do seguinte, começou o seu tirocinio escholar, primeiro sob a direcção de seu pae, e admittido depois como alumno interno do Real Collegio Militar, então estabelecido no sitio da Luz, suburbios de Lisboa. Permaneceu ahi durante alguns annos, frequentando o respectivo curso com muito aproveitamento, e demonstrando desde logo viveza e comprehensão extraordinarias, e assidua applicação, conforme o testimunho presencial e insuspeito de condiscipulos, que depois o foram nossos, e com cuja amizade ainda agora nos honrâmos.

Saindo d'aquelle estabelecimento em 1832, ao completar a edade que os regulamentos fixavam como termo intransgredivel para a continuação dos estudos, o ex-collegial passou no mesmo anno a matricular-se no segundo mathematico, julgado, com razão, o mais difficil e trabalhoso do curso da antiga Academia Real da Marinha, hoje convertida em Eschola Polytechnica. Foi ahi que nos coube a satisfação de o termos por contemporaneo; e posto que, por mais adiantado em tempo, nos faltasse a opportunidade de reconhecer praticamente os seus progressos, ouvimos que dera de si conta excellente, e conservâmos idéa de que no fim do anno lectivo fôra premiado em um dos primeiros logares.

A situação politica de Portugal passava n'esta epocha por uma transmutação completa. A restauração de Lisboa em 24 de julho de 1833 dava por certo á causa liberal todas as probabilidades de um decisivo triumpho; mas para apressal-o, cumpria pôr desde logo em acção os recursos necessarios. Era mister engrossar quanto antes as fileiras do exercito constitucional, elevando-o a maior força; e este cuidado occupava mais que tudo a attenção do novo governo. O sr. Varnhagen, tendo sido por seu pae apresentado ao duque de Bragança, após a chegada d'este em 28 de julho, recebeu d'elle a insinuação de alistar-se. Assim o fez assentando praça na arma de artilheria, e como estivesse já em parte habilitado com os respectivos estudos, não tardou que, antes de corridos tres mezes, fosse despachado segundo tenente. Serviu n'este posto até ao fim da campanha, e mereceu durante ella, por seu porte brioso, e pelo exacto cumprimento dos deveres militares, os elogios e consideração dos superiores, conciliando não menos o respeito e amor dos que lhe eram subordinados.

(Continúa).

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] Era oriundo de Arolsem, no principado de Waldek, estados de Allemanha, e entrára no serviço portuguez, chamado pelo governo do principe regente em 1803, para ser empregado nos trabalhos de mineração de ferro, que o mesmo governo tinha a peito promover, tanto em Portugal como no Brasil. Foi-lhe logo confiada a direcção das fundições da Foz de Alge, que exerceu por algum tempo, casando-se então, ou pouco depois, com uma senhora portugueza. Em 1810, por ordem do ministro conde de Linhares, partiu para o Rio de Janeiro, onde os seus conhecimentos mineralogicos e montanisticos promettiam ser de grande utilidade. Ahi foi empregado em varias commissões, sendo a principal a restauração da fabrica do Ypanema, a que acima se allude. Saindo do Brasil para Allemanha, com licença, na conjunctura critica que precedeu a declaração da independencia, veiu ter a Portugal, onde foi por el-rei D. João VI encarregado da administração geral das Mattas e Pinhaes, que desempenhou até á sua morte, occorrida em 1842. Era então coronel de engenheiros, e condecorado com uma commenda da ordem de Christo. Póde ver-se a sua necrologia no ***Diario do Governo*** n.º 272 do dito anno. E para conhecimento dos importantes serviços por elle prestados no Brasil, veja-se o que escreveu seu filho na ***Historia geral*** do mesmo imperio, tom. II pag. 357 a 372, e ainda mais amplamente exarados no curioso livro, que com o titulo de ***Subsidios para a Historia da Fabrica do Ypanema,*** deu á luz recentemente, seu genro o sr. dr. Frederico Augusto Pereira de Moraes, do qual, por obsequiosa contemplação, houvemos o exemplar que temos presente.

INDICIOS PROVAVEIS DO TEMPO.[1]

PROGNOSTICOS DO TEMPO.

Estes prognosticos podem observar-se nos insectos, nas aves, nos quadrupedes, e nos peixes.

Calendario da aranha.

As aranhas são mui sensiveis ás diversas mudanças da atmosphera. Tem grande sagacidade para prever mudança de tempo: por ellas se póde saber com anticipação as variações da temperatura. A experiencia tem confirmado, que haverá:

Bom tempo, se as aranhas dos jardins apparecem em grande numero, trabalham em grandes fios, ou tecem de noite nova teia: ou se as aranhas das casas ficam envoltas nos seus tecidos, mostram a cabeça, estendem as pernas, e põe ovos, o que succede até sete vezes nos annos em que faz muito calor.

Bom tempo fixo, se as aranhas dos jardins urdem mui compridas e mui largas algumas novas teias: ou se as aranhas das casas continuam a estender as pernas: quanto mais as estendem para diante, tanto mais o bom tempo deve permanecer fixo.

Tempo variavel, se as aranhas dos jardins trabalham em pequena teia, e negligentemente.

Vento passageiro, se as aranhas dos jardins só estendem os raios da roda, sem lhes pôr os fios circulares, que devem cobrir o centro da teia.

Vento duravel, se as aranhas dos jardins, sem se retirarem, nada trabalham.

Chuva passageira, se as aranhas dos jardins ficam em pequeno numero, e só prendem muito a custo o urdume das teias.

Chuva continua, se as aranhas dos jardins se esconderam de todo, e as aranhas das casas se revolvem nas teias, não deixando ver mais que a sua parte posterior.

Frio passageiro, se as aranhas das casas correm por aqui e por alli nas habitações, e luctam entre si para se apoderarem das teias já feitas e melhor situadas.

Frio intenso, se as aranhas das casas trabalham muito, lançam novos fios, e principalmente quando de noite põem novos tecidos uns sobre outros: é en-

[1] Concluido de pag. 397 do I vol. d'este semanario.

tão que presentem a constancia de grandes frios, que de ordinario chegam oito ou dez dias depois.

Quanto mais cheia é a aranha, que serve a estas observações, tanto maior fé se póde pôr nos indicios.

Pelos outros insectos.

Abelhas, que se separam pouco dos cortiços, ou voltam a elles em chusma, antes da noite, signal de chuva: quando estão raivosas, e atacam quem se lhes approxima, signal de tempestade.

Moscardos, que se pegam ás pernas dos cavallos, dos bois, e das vaccas, e os picam com tanta força, que os fazem pular, signal de chuva.

Moscas, quando entram em grande numero pelas casas dentro, procurando morder, e se mostram mais importunas que de ordinario, signal de tormenta.

Mosquitos, que se juntam antes do pôr do sol, que formam columnas que se movem em redopio, signal de bom tempo.

Vermes da terra, que em bom tempo sobem á superficie do solo, quasi sempre signal de proxima chuva.

Pelas aves.

Andorinhas, que no seu vôo se aproximam muito da superficie da terra, ou tocam na das aguas para apanharem mosquitos, e outros insectos volantes, que descem pouco antes da chuva, signal de que ella não vem longe.

Corvos, que se elevam muito nos ares, e grasnam com tom grosso e prolongado, signal de bom tempo: quando pousam frequentemente nas arvores, e grasnam claro e sêcco, geralmente signal de chuva.

Gallinhas, que se espojam muito pela areia, ou pela terra, signal de proxima chuva.

Gallos, que de noite cantam mais tarde que de ordinario, signal de mudança de tempo: se prolongam o canto pela noite, annuncio de chuva.

Gralhas, que andam e vôam juntas, signal de bom tempo: quando vão e vem solitariamente, é muitas vezes indicio de chuva.

Mochos, que gritam durante máo tempo, signal de que vem bom tempo.

Morcegos, que apparecem á tarde, signal geralmente de bom tempo: quando são em grande numero, e esvoaçam mais tempo que de ordinario, signal quasi certo, que o dia seguinte será quente e sereno: quando nos tempos quentes não apparecem nos logares que frequentam habitualmente, signal de chuva: quando, em fim, se refugiam nas casas, e gritam, annuncio de tormenta proxima.

Pardaes, que cantam com mais força, e por mais tempo que de ordinario, parecendo chamar-se e responder-se, signal de chuva.

Patos, que por bom tempo vôam por aqui e por alli, grasnando, e atirando-se muitas vezes á agua, frequentemente indicio de chuva e tempestade.

Perús, quando se reunem n'um mesmo logar, apertando-se uns contra os outros, signal provavel de chuva.

Pombos, que recolhem ao pombal mais tarde que de ordinario, indicam quasi sempre chuva pelos dias seguintes.

Passaros d'arribação: *patos bravos*, que chegam, signal de frio: *grous*, *ganços* bravos, frio maior: *cysnes* bravos, frio mais excessivo: se estas aves depois de se terem retirado, tornam a apparecer por um pouco no meio-dia, signal de que o frio váe recomeçar com mais intensidade: quando, em fim, todas estas aves apparecem entre nós no outono mais cedo que de costume, indicio de inverno rigoroso, e prova de que já começára no norte, que ellas deixam, procurando refugio nos nossos climas.

Pelos quadrupedes.

Bois, que em tempo de chuva se juntam nos pastos, e se apertam uns contra os outros, como fazem os perús, e assim ficam muito tempo sem se separarem, signal quasi certo de temporal proximo.

Cordeiros, que são mais avidos na pastagem, é mui geralmente signal de que vae chover: quando durante chuva ou vento se grupam, e põem uns aos outros as cabeças sobre os lombos, ficando quasi immoveis, grande probabilidade de maior, e até violenta tempestade.

Gatos, que esfregados de verão na escuridade, ficam com a extremidade dos pellos luminosa, signal de sêcca: o mesmo facto observado de inverno, precursor de frio.

Sapos, que nas noites de verão sáem em grande numero dos seus buracos, signal de chuva.

Toupeiras, que remexem a terra mais que de costume, signal de chuva.

Barometro da rã.

Quando as rans grasnam mais que de ordinario annunciam chuva. Tem-se notado, que quando se retiram para o fundo da agua, é isso sempre signal de bom tempo; ao passo que o contrario, quando saem d'agua para se disseminarem pelo campo, dá chuva certa.

D'estas duas observações se partiu para aproveitar a rã como meio de reconhecer o estado da atmosphera, encerrando-a n'um vaso meio d'agua.

Para esse fim põe se na bocca do vaso, que contêm a agua e a rã, uma escadinha feita com dois pequenos bocados de madeira, mantidos no fundo pelo peso de duas balas de chumbo, ás quaes são adherentes. Palitos postos de espaço a espaço entre os dois pausinhos formam os degráos da escada.

Quando a rã está no fundo, signal de bom tempo: quando está ao nivel d'agua, tempo incerto e variavel: quando sáe d'agua e sobe ao mais alto da escada, indicio de chuva.

Pelos peixes.

Ainda se póde predizer chuva quando diversos peixes, taes como as carpas, vem frequentemente saltar á superficie da agua, lançando-se a tomar os insectos que voam mui baixo quando o tempo é tempestuoso.

PROGNOSTICOS PELAS FLORES.

Os indicios provaveis do tempo tambem podem observar-se pela inspecção das flores; algumas ha, que tem no movimento das suas folhas, e flores, a propriedade de seguir as variações da atmosphera, pelo que se lhes tem chamado flores meteorologicas.

Esta propriedade, que é consequencia da maior ou menor influencia que tem na sua organisação o maior ou menor frio ou calor, manifesta-se nos movimentos mais ou menos sensiveis que as variações da seccura ou humidade n'ellas operam.

Assim o *malmequer* d'Africa não abre a flor de manhã, se deve chover durante o dia. O contrario succede ao *letru* da Siberia.

O *oxalis* do Cabo fecha com a aproximação da tormenta, e abre quando ella se dissipa.

A *acacia* da Nova-Hollanda, e a *parliera* do Perú, fecham as pétalas e inclinam tristemente os ramos, quando o ceo deixa de estar sereno, e levantam-nos, ou abrem-nas com o bom tempo.

Pelo contrario a *alleluia* do Brasil, e o *trevo* da Suecia, não levantam as folhas, ordinariamente incli-

nadas, senão quando se aproxima tempo humido e tempestuoso.

Algumas flores tambem mudam de apparencia quando está para ventar, outras quando uma nuvem intercepta a luz do sol, outras quando grande quantidade de fluido electrico annuncia a aproximação do trovão.

O *nephentes* da India, cuja flor é como uma especie de copo, ou vaso fechado, e cheio de um liquido salutar para os passaros, e algumas vezes em tal quantidade, que sacia os viajantes, não abre a sua tampa senão quando o ceo está puro e sereno, e baixa-a quando se torna nublado.

PROGNOSTICOS PELOS MATERIAES.

Tambem as variações da atmosphera se podem prever pela inspecção dos diversos materiaes que servem á construcção das nossas habitações.

A chegada proxima do degelo é annunciada pela humidade que se nota nas pedras dos muros, no marmore dos moveis, nos vidros das janellas, e no ferro das escadas.

Se a sêcca que se annuncia deve ser de longa duração, as portas e vidraças abrem-se com menos difficuldade pelo desinchamento da madeira, que a humidade engrossára.

Tambem se prevê o degelo pelo estado do sal, quando as pedras em logar de ficarem como de ordinario em pó, ficam adherentes umas ás outras, e de algum modo presas ás paredes do saleiro.

Fuligem que frequentemente se destaca e cáe da fuminé, o que não succede em tempos seccos, é indicio de humidade, e probabilidade de chuva.

Braza que no fogão parece mais ardente que de ordinario, e ao mesmo tempo chamma que parece mais viva, signaes de agitação no ar, annuncio de ventos proximos; que em tempo sereno a braza é sempre menos viva, e a flamma mais tranquilla.

Se o fumo resultante das materias queimadas fica nas casas, em logar de sair pela fuminé, ou se saindo da fuminé paira sobre os telhados em logar de subir aos ares, signal de chuva, porque quando o tempo deve continuar socegado, o fumo que sáe das fuminés eleva-se immediatamente, e por muito tempo nos ares.

Á inspecção dos materiaes metallicos ou liquidos, mais ou menos vaporisados, se devem as observações feitas na atmosphera: os metaes ou liquidos que se empregam no barometro, servem a prever as variações do tempo; por meio do thermometro se reconhece a elevação da atmosphera; o hygrometro serve a apreciar o gráo da humidade atmospherica; o almometro é destinado a medir a intensidade do vapor.

O anemometro e o catavento, que marcam as direcções do vento, assentam em principios differentes.

PROGNOSTICOS PELAS SENSAÇÕES DO HOMEM.

Ha diversas sensações no homem, que lhe podem servir para reconhecer as mudanças que vão subitamente occorrer na temperatura.

Todo o mundo sabe, por exemplo, que as pessoas que tem callos experimentam n'elles mais dores quando se aproxima a chuva: que as que são nervosas sentem-se peiores nas mudanças de tempo: que as exhalações, boas ou más, são mais sensiveis pouco antes da chuva, taes o cheiro das flores ou dos estrumes, que é muito mais forte quando váe chover, ou está imminente tormenta: em fim, quando o som dos sinos, ou dos instrumentos musicos, o grito do homem, e o latido dos cães, estrugem mais, e de modo mais claro, que de costume, no campo, é signal de menor seccura no ar, e por consequencia aviso de que humidade proxima trará comsigo chuva.

ANECDOTA.

O sr. *** é um gastronomo de primeira ordem; conversação a que elle assista, que não verse sobre comer, ou que elle não possa encaminhar para essa parte, adormeceu-o em menos de tres minutos. De novellas só póde soffrer as inglezas, porque diz que só n'ellas é que os heroes e heroinas almoçam, jantam, merendam e ceiam. Para elle os dois maiores homens de Lisboa são indispensavelmente o Escoveiro e Manuel Hespanhol.

Tem o sr. *** uma cozinheira de tanta invenção e pericia, que é rara a semana em que lhe não apanha dois ou tres premios por novas combinações culinarias. Crê-se que a ha de deixar herdeira de tudo que por sua morte lhe ficar por comer; e a photographia d'ella já a tem com moldura dourada na casa do jantar.

N'outro dia, jantando alguns amigos com elle, e elogiando o primor de certos cozinhados, exclamou cheio de complacencia, e bebendo á saude da sua artista, como elle lhe chama:

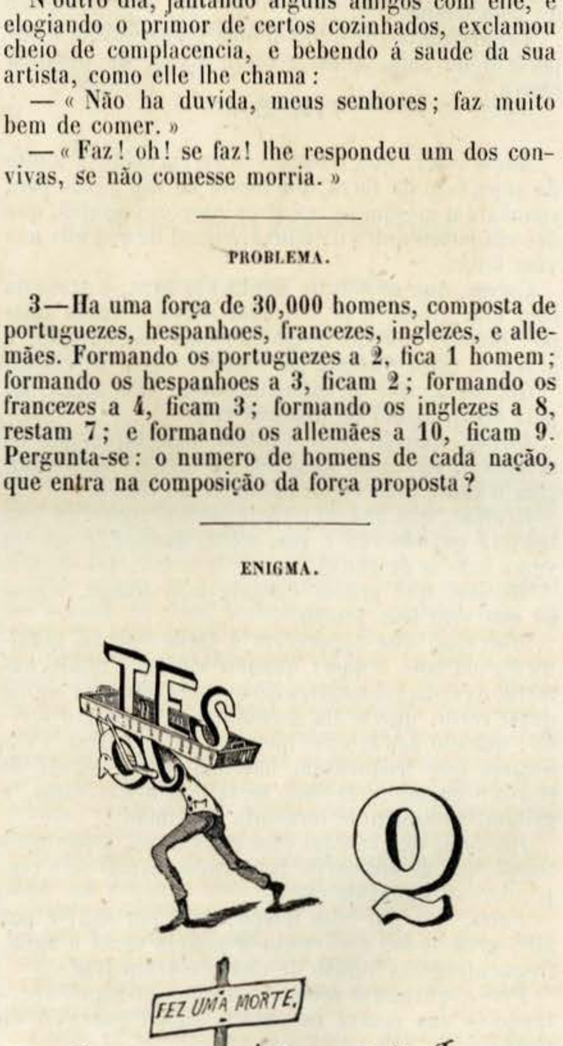
— « Não ha duvida, meus senhores; faz muito bem de comer. »

— « Faz! oh! se faz! lhe respondeu um dos convivas, se não comesse morria. »

PROBLEMA.

3—Ha uma força de 30,000 homens, composta de portuguezes, hespanhoes, francezes, inglezes, e allemães. Formando os portuguezes a 2, fica 1 homem; formando os hespanhoes a 3, ficam 2; formando os francezes a 4, ficam 3; formando os inglezes a 8, restam 7; e formando os allemães a 10, ficam 9. Pergunta-se: o numero de homens de cada nação, que entra na composição da força proposta?

ENIGMA.



Explicação da charada do numero antecedente — *Pelatina*.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 P.